

CAÍ NO SUCESSO DO SOFRIMENTO

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista - Jornada de Estudos do Traço
26 e 27 de maio, de 2006

Acompanhei impressionante relato sobre um analisante com sintomas obsessivos; durante essa escuta, a frase *caí no sucesso do sofrimento* surge, numa das sessões de análise, súbita e sorratamente, à revelia do seu autor, um jovem médico dotado de grande potencial intelectual e que se debate com a impossibilidade de alcançar o almejado sucesso profissional. Suas associações o conduzem a sonhos e situações na sua vida em que busca de sucesso, fracasso e sofrimento estiveram imbricados: *sonha passar num concurso público, mas chega atrasado nas provas; faz prescrições médicas e esquece detalhes técnicos importantes; conversa com o pai sobre seus medos, em seguida bate o carro; sonha possuir uma casa com banheira e aquecedor na qual ele esquece o gás ligado.*

A intrigante frase *caí no sucesso do sofrimento* conduziu-me a associações e elaborações que resultaram nesse trabalho. A frase soou estranha. *Sucesso do sofrimento?* O sucesso provocou sofrimento? O sofrimento obteve sucesso?

Um outro analisante me vem à lembrança, também com sintomas obsessivos, escravo do trabalho e em busca de sucesso profissional. Na sua fala, em análise, concentra-se no planejamento de agendas detalhadas que o levam à exaustão. Desloca-se de projeto em projeto em desafios profissionais crescentes, que o levam a ocupar a maior parte do seu tempo com trabalho. Com muita dificuldade, permite-se algum lazer. *Num sonho, encontra-se em sua casa de praia, a qual, entretanto, está estranhamente mobiliada com os móveis do seu escritório e ocupada pelo sócio, dormindo em sua mesa posta para o jantar. Do ponto mais alto da janela avista um tsunami se formando na praia, ameaçando destruir tudo.*

O deslizamento de um analisante a outro certamente se apóia em semelhanças entre eles. Nos dois casos alternam-se, ora aproximação e anulação do desejo, ora desejo e punição. Há, em comum, também, a busca obstinada de sucesso profissional e as excessivas jornadas de trabalho, temas recorrentes em suas sessões de análise, marcadas por um discurso intelectualizado e abstrato que os distanciam afetivamente de sua própria fala. Obcecados pelo sucesso que lhes causa tanto sofrimento, cada um a seu modo, experimentam o sucesso do sofrimento. Através de mecanismos inconscientes, articulam um desejo que eles próprios afirmam (*Bejahung*) e anulam (*Verneinung*). Anulam o desejo, mantendo o lugar desse desejo que se exprime de uma forma negativa. *Evandro sonha passar num concurso público e chega atrasado nas provas.*

Procuro, então, elaborar teoricamente esses dois dramas particulares, em todo seu doloroso significado, com o cuidado de ressaltar que a singularidade de Saulo e Evandro, certamente, não se esgota numa articulação teórica descritiva de um obsessivo e que nossa tarefa, como analistas, levamos a acumular um saber, para escutar exatamente a partir de um *não saber*, pois devemos estar sempre a perscrutar o novo.

A origem da neurose obsessiva está nos resquícios de insucesso na passagem pela castração simbólica. A criança recusa deixar de ser o objeto de desejo da mãe (primeiro tempo do Édipo). Sente ódio mortal do pai, desejo de matá-lo, o que acarreta culpa. A dúvida original do obsessivo é: *matei ou não matei meu pai*, que desloca para outras dúvidas aparentemente ridículas: *fechei ou não fechei o gás, trabalho ou tenho lazer?*

Assim o obsessivo compulsivo, especialista em anular, deslocar, denegar e amortecer as intenções agressivas e desejos sexuais, vê-se prisioneiro de uma eterna culpa. A fantasia de ter matado o pai impede-o de viver em paz. Prisioneiro de um suplício eterno, de um crime que não cometeu, mas no qual ele acredita.

Filho predileto, a mãe do obsessivo o sobrecarrega com seu próprio desejo, dificultando-lhe o desejo do pai. Fica então preso entre a lei arbitrária da mãe e a lei do desejo do pai. Debate-se entre manter o Outro ou destruí-lo. Teme destruir ou destruir-se.

No Seminário *As Formações do Inconsciente*, Lacan enfatiza:

Essa é a dificuldade maior, inaugural, diante da qual se rompe e se desarticula a demanda do obsessivo, o que motiva a anulação, o isolamento e todas as outras defesas. É que essa demanda é uma demanda de morte. Trata-se, na realidade, da relação da demanda de morte com a própria dificuldade de articulação. Dessa forma a demanda, tão logo esboça sua articulação, extingue-se.

Lacan compara o obsessivo a Tântalo, figura mitológica, que, de pé dentro de uma lagoa, com o queixo ao nível da água, sentia uma sede devoradora e não encontrava meios de saciá-la, pois quando abaixava a cabeça, a água fugia, deixando o terreno sob os seus pés inteiramente secos. Frondosas árvores carregadas de frutos, peras, romãs, maçãs e apetitosos figos abaixavam seus galhos, mas, quando ele tentava agarrá-los, o vento empurrava-os para fora de seu alcance. Ele assim explica:

Entre a relação do sujeito obsessivo com sua demanda e o Outro, que lhe é tão assustadoramente necessário e que o mantém (sem o que ele seria outra coisa que não um obsessivo), encontramos o desejo, em si mesmo anulado, mas cujo lugar é mantido. Esse desejo, nós o caracterizamos por uma *Verneinung*, porque ele se exprime, mas sob forma negativa. Vemo-lo aparecer sob essa forma, quando um analisando, depois de nos dizer *Não é que eu pense em tal coisa*, articula-se num desejo agressivo, depreciativo a nosso respeito.

O medo de destruir o Outro implica também, necessariamente, o de ser retaliado. Daí a necessidade de pedir permissão. Na medida mesma em que a dialética com o Outro – o Outro como falante – é posta em perigo, o obsessivo dedica-se a restaurar esse Outro, colocando-se na mais extrema dependência

dele. É exatamente aí que vemos a pertinência do que Freud sempre chama de *Versagung*, a recusa. Recusa e permissão implica uma na outra. O pacto é recusado sobre um fundo de promessa.

Lacan se detém, ainda, no Seminário *As Formações do Inconsciente*, a falar que o lugar do pedido de permissão pode ser ocupado pelas “proezas do obsessivo”:

Para que haja proeza, é preciso ser pelo menos três, porque não se pratica uma proeza sozinho. É preciso também que haja alguém que registre e seja testemunha dela. O que o obsessivo procura obter na proeza é a permissão do Outro.

Explica aí o trabalho do obsessivo:

Sob o comando do supereu os obsessivos se infligem toda sorte de tarefas particularmente árduas, desgastantes, nas quais, aliás, obtêm sucesso - saem-se nelas muito brilhantemente, e em nome disso teriam direito a umas pequenas férias, durante as quais fosse possível fazer o que quisessem, donde a conhecida dialética do trabalho e das férias. No obsessivo, o trabalho é poderoso, ele gasta mais tempo planejando do que gozando suas férias.

Saulo sonha com sua casa de praia mobiliada com os móveis do escritório, ocupada pelo sócio e ainda ameaçada de destruição por um tsunami.

Na proeza, o sujeito domestica uma angústia fundamental. Nas suas proezas, ao que visa o obsessivo não é ao pequeno outro, mas ao grande Outro, que funciona como uma testemunha invisível. Quem registra a façanha ou astúcia (termos empregados por Lacan) e deve, por isso, ser preservado é o grande Outro e, nesse sentido, situa-se a sua ligação ao cálculo, aos números e às palavras.

Em 1953, no seu texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, Lacan comenta:

Sabemos do toque de trabalho forçado que no obsessivo envolve até seu lazer. Esse sentido é sustentado por sua relação subjetiva com o mestre/senhor, na medida em que é a morte deste que ele espera.

Aí, nesse texto, alude à dialética hegeliana do senhor/escravo:

O obsessivo manifesta, com efeito, uma das atitudes que Hegel não desenvolveu em sua dialética do senhor e do escravo. O escravo esquivou-se ante o risco da morte, onde a oportunidade de dominação lhe foi oferecida numa luta de puro prestígio. Mas, como sabe ser mortal, ele também sabe que o mestre/senhor pode morrer. Por conseguinte, pode concordar em trabalhar para o mestre/senhor e em renunciar ao gozo nesse meio tempo: e, na incerteza do momento em que chegará a morte do mestre/senhor, ele aguarda.

Nessa perspectiva todo o trabalho do obsessivo se torna duplamente alienante. É que não somente sua obra lhe é furtada por um outro (o que é a relação constitutiva de todo trabalho) como também lhe escapa o reconhecimento de sua própria essência como sujeito em sua obra, pois ele próprio “não está ali”. Está no momento antecipado da morte do mestre/senhor, a partir da qual viverá, mas à espera da qual se identifica com ele como morto.

Não obstante, ele se esforça por enganar o mestre/senhor através da demonstração das boas intenções manifestadas em seu trabalho. Na relação analítica, utiliza as abstrações e a intelectualização para a sedução do analista, posição que, ao ser questionada no percurso da análise, é permeada por temores e angústia ligados à fantasia de morte do analista.

É a morte que se trata de enganar por mil astúcias. E essa astúcia, que lança o sujeito fora do combate, leva-o a estar sempre num lugar diferente de onde se corre o risco e a deixar aí apenas uma sombra de si mesmo, pois ela

anula de antemão o ganho e a perda, abdicando de saída do desejo que está em jogo.

Entretanto, o gozo de que o sujeito obsessivo é assim privado transfere-se para o outro imaginário, que o assume como gozo de um espetáculo oferecido pelo sujeito, que persegue a proeza de desafios surpreendentes, mediante os quais comprova sua capacidade de estar vivo. Todo o prazer fica então para esse outro, sendo a façanha, registrada pelo Outro, testemunha invisível.

Toda essa dialética de destruição e manutenção do Outro leva o obsessivo a um superinvestimento e a uma idolatria da dimensão significativa, como estratégias para manter o Outro vivo e, como conseqüência, advêm as excessivas racionalizações, o universo de dúvidas e abstrações a que se submete. Trata-se do império do pensamento. O obsessivo debate-se com o seu pensamento, que tudo pode lhe dar, ainda que nada lhe dê. Transforma-se num sofredor da palavra. *O vocabulário de Saulo e Evandro é tomado por ordens e contra-ordens, evitações, anulações, negações e proezas, à procura de um significante que possa dizê-lo, mas cujo encontro é sempre faltoso.*

Num trabalho de Urânia Tourinho, ela cita o livro *Proposições sobre a Neurose Obsessiva*, de Daniel Sibony, em que ele realça o fato de o obsessivo se deslocar desesperadamente em sua errância através da língua.

A relação desse neurótico com a palavra e com a fala é muito bem analisada por esse autor, quando aponta um estilo próprio de contato do obsessivo com as palavras. Sibony nos reporta ao "homem dos ratos", ao episódio da infância, em que um sentimento enigmático acompanha o relato de que, quando criança, ele acreditava que seus pais conheciam os seus pensamentos, seus desejos, como se ele os houvesse dito, sem, entretanto, ter-se escutado no momento da fala, ou seja, a *condição de estar ausente da fala no mesmo momento em que fala.*

Essa afirmativa de estar separado da própria fala nos diz fortemente do obsessivo. Esse estar ausente da fala, no momento em que fala, esse distanciamento, aponta-nos para uma particular relação com o grande Outro.

Suas idéias, seus pensamentos podem, então, ser concebidos como vindos diretamente do Outro, raciocínio que nos conduzirá à relação desse neurótico com os mandamentos obsedantes. E pode ser visto como uma tentativa de defesa contra esse Outro.

O obsessivo prossegue então na sua luta entre um significante que possa dizê-lo, mas que, ao ser dito, já não é dele. De palavra em palavra, vai buscando uma resposta significante que não lhe é suficiente.

No seminário R.S.I., Lacan ressalta também essa dimensão de ausência da própria fala no obsessivo:

No confronto entre morte e desejo, na luta entre vida e morte, podemos situar esse neurótico marcado pela ambivalência. Ser ou não ser, eis a sua questão. Se não falo já não sou mais eu. Se falo o que sinto já não é o que sinto, são palavras. Sinto inferioridade com o que falo, isto me deixa sempre em débito, em dívida constante e culpa. Tenho que dizer a verdade para estar vivo, mas não sei o que é a verdade. Se não encaro o que sou é como morrer.

É então como morto que o obsessivo se coloca, quando se faz transpor mediante a sua palavra: "Se eu falo, já não sou mais eu".

Num dos últimos sonhos, Evandro traz uma paciente dele que grunhe, grita e só depois consegue se queixar dos maus tratos recebidos da pessoa que cuida dela no Hospital. Se para o obsessivo as palavras são não verdades, o terror está no grito, no não denominado, num universo para além da palavra. Quando nomeia, situa e ao mesmo tempo o perde enquanto emoção. Nesse sentido as palavras são defesas. Daí a incomunicabilidade. Só o grito comunica. Não é muralha, mas é o intolerável.

No capítulo final do Seminário *As Formações do Inconsciente*, intitulado *Tu és aquele a quem Odeias*, Lacan tece comentários a propósito do ódio que marca a dialética do obsessivo com seu desejo. Diz que o mandamento cristão "ama ao próximo como a ti mesmo" faria mais sentido para o obsessivo ao ser

desdobrado.... “tu és, no nível da fala, aquele a quem odeias na demanda de morte, porque a desconheces”.

Propõe então o preceito de Freud *Wo es war, Sool Ich werder* (*Lá onde isso era, eu como sujeito devo advir*) como guia para condução do tratamento analítico, que deve propiciar a assunção autêntica do sujeito em sua própria fala. O que significa dizer que o sujeito obsessivo se reconheça ali onde ele está, em sua relação mortífera consigo mesmo.